

3/6/85

117

Meu caro Milton, muito grato por teu telefonema de outro dia. As coisas estão se normalizando: dia 11 vamos para Paris, e veremos se a Edith poderá andar com uma única bengala, e, se assim for, iremos dia 17 para Torino, para participar de simposio "Torino Fotografia", aonde devo dialogar com Umberto Eco. De forma que estamos dispostos a recebermos vocês aqui, se vocês se decidirem fazer a viagem. Você viesse para Edith que IPT está acabando. Não sei se me devo regozijar ou entristecer com isto: prefiro regozijar-me. Engajar-se em aparelho, (isto é na estupidez programada de funcionarios), não pode ser tolerável por muito tempo, por mais elegante que seja o programa do aparelho. Não preciso dizer a você que o programa não passa de pretexto. O verdadeiro proposito de todo aparelho é perpetuar-se.

Estou preparando minha contribuição para o simposio "Heimat und Heimatlosigkeit" na Baviera em agosto. Participarão: um filosofo e um escritor alemão, um filosofo judeo-alemão americano, um palestinese, (político), um turco na Alemanha, um escritor israeli, um antilhense de Londres, Moles e eu. A TV estará presente. "Heimat und Heimatlosigkeit" significa aproximadamente "home and absence of home". Ou "Pays et depayement". Ao elaborar a minha contribuição, pensei constantemente na relação que nos une. Por isto, (e por outras razões), anexo o ensaio. Peco-te de não me poupar críticas, (coisa que nem preciso pedir), porque tal dialogo entre "apatrida e patriota criador de beleza" e o nosso.

Espero que esta carta rompa a barragem da greve dos correios. O que caracteriza tal greve não é o tempo interrompido, mas o correio acumulado. De modo que a engenharia de barragens é competente para o caso. Com a diferença que, se não me engano, nas barragens não se perde água. Digo isto, porque me parece ser exemplo da fronteira fluida entre modelo e metáfora: será "barragem" modelo ou metáfora da greve? Você, enquanto engenheiro de barragens, está ou não competente para o problema da greve? Creio que "inteligência artificial" e cibernética tem a ver com tal confusão entre metáfora e modelo. A teoria dos fuzzy sets, (das fronteiras imprecisas entre conjuntos), não será aplicável ao caso, (não o da greve, mas o da metáfora enquanto modelo)? E, pensando bem, minha distinção entre apatridas e patriotas, (payses et depayses), não será, ela também, um caso de fuzzy sets, e não haverá "grey zones" entre tais dois conjuntos? Talvez a honestidade intelectual exige análise dos "grey zones" em detrimento das zonas delimitadas?

Abracos amistosos.